



Os principais desafios enfrentados pela nova classe média na formulação de uma carteira de investimentos

Luiza da Costa Tolentino
luizactolentino@hotmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-1702-521X>

Martius Vicente Rodriguez y Rodriguez
martiusrodriguez@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0001-8270-7488>



RESUMO

A chamada nova classe média possui alguns desafios na formulação de uma carteira de investimentos, no que tange à formação de patrimônio. O presente estudo tem como objetivo principal detalhar as adversidades sob perspectiva do endividamento das famílias e da carência em educação financeira. São dois pontos importantes que convergem, visto que cada vez mais se gasta em curto prazo e o planejamento financeiro para o futuro é deixado em segundo plano devido à falta de educação financeira e a consequente falta de entendimento da devida importância do tema em questão. Trata-se de uma revisão bibliográfica juntamente com uma pesquisa de campo quantitativa não probabilística por acessibilidade. Os questionários foram aplicados para um total de 46 respondentes (pessoas físicas). Os resultados demonstram que por mais que a maioria se mostrou minimamente atento ao assunto de investimentos, já compraram por impulso e possuem algum impedimento para investir; questões que podem ser prejudiciais quando se trata de um planejamento financeiro.

Palavras-chave: Educação financeira. Endividamento. Classe média. Patrimônio. Investimento.



ABSTRACT

The new middle class faces some challenges in formulating an investment portfolio when it comes to building heritage. This study aims to detail these difficulties from the perspective of family indebtedness and lack of financial education. Two key points that converge are spending too much in the short term and postponing long-term financial planning due to insufficient financial education and understanding of its importance. It is a literature review with a non-probabilistic, accessible field survey. The questionnaires were applied to a total of 46 respondents (individuals). The results show that while most participants showed only minimal attention to the subject of investments, they have already performed a buy on impulse and face some barriers to investing; a behavior that can be harmful when it comes to financial planning.



INTRODUÇÃO

A popularização do tema de investimento nos últimos anos resultou numa alta de 37,1% no número de CPFs inscritos na Bolsa de Valores Brasileira (B3) em 2022, em comparação com o ano anterior, segundo dados do jornal O Globo. Esse panorama teve como precursor a pandemia de COVID19 e queda na taxa de juros em 2020, momento em que a economia passou por um desaquecimento advindo do isolamento físico do indivíduo perante a sociedade. Tal comportamento resultou em uma “poupança forçada” (MACHADO, p.8, 2023), e um desaquecimento da economia. A internet teve um papel importante nesse cenário, visto que já era um meio facilitador de acesso à informação e fóruns de debate acerca não apenas do tema de investimento, como de qualquer outro que seja de interesse.

Mesmo sendo um assunto cada vez mais propagado entre as pessoas ou na internet, principalmente devido ao investimento das corretoras em aplicativos cada vez mais simples (MACHADO, p.8, 2023), ele ainda é considerado excludente. Dado que a população de baixa renda compõe 80% do total de brasileiros, podemos inferir que a maior parte da sociedade ainda conta com uma grande defasagem no âmbito de educação financeira e finanças pessoais.

Conforme apontado por SAVOIA et al, p. 18, 2007, é de urgência a inserção da educação financeira em todos os níveis de ensino, em virtude da desequilibrada distribuição de renda brasileira. A inclusão desse tópico na grade escolar - ponto que já foi levantado no projeto de lei 171/09 o qual sugere a inclusão de educação financeira como parte integrante do currículo da disciplina de Matemática - seria uma solução para introduzir essas pessoas no âmbito dos investimentos e planejamento financeiro.



Essa falta de conhecimento somada a políticas públicas que possuem o objetivo de facilitar o acesso ao crédito para fins de consumo, leva ao endividamento das famílias brasileiras. O primeiro Governo Lula (2003-2006), teve como um de seus pilares a inclusão de parte da população no sistema bancário brasileiro e o estímulo ao consumo, por exemplo com a criação do crédito consignado (SILVA, p.20, 2021). Essas políticas repercutem na economia até os dias atuais, visto que não houve nenhum tipo de incentivo do governo no que diz respeito a educação em finanças pessoais para a nova classe média em emergência.

Isto posto, o seguinte questionamento surge como tema desta pesquisa: Quais são os principais desafios enfrentados pela nova classe média brasileira na formulação de uma carteira de investimentos pessoal? Dando sequência para respondê-lo, o objetivo é abordar a falta de conhecimento no que tange finanças pessoais, educação financeira e seu planejamento e analisar o endividamento das famílias brasileiras, que alocam seus gastos em compras que satisfazem ao curto prazo e abdicam de pensar futuramente (SAVOIA, et al, p. 4, 2007).

Este estudo pode chamar atenção das autoridades para um problema da sociedade, culminando em formulação de políticas públicas de fomento a educação financeira. Os impactos de uma sociedade financeiramente educada são diversos: para o cidadão, a independência e autonomia; para o governo, um consumidor que faz a economia girar criando renda em toda cadeia produtiva envolvida no processo de produção e venda daquele produto. O cidadão é o principal elemento que compõe essa roda, e quando inadimplente, a deixa enfraquecida porque dificilmente consumirá com tanta frequência. (DOMINGOS, R. A., p.12, 2022).

Diante desta contextualização foi identificada a seguinte questão problema: quais

são os principais desafios enfrentados pela nova classe média na formulação de uma carteira de investimentos?

Como estratégia de pesquisa a ser utilizada, segundo Gil (2002), será uma pesquisa bibliográfica e documental, delimitada ao período de 8 anos e referente ao Brasil.

A importância da pesquisa desenvolvida está relacionada ao estudo de um problema complexo da sociedade, com uma ênfase a nova classe média, podendo também ser utilizada para contribuir ainda mais com embasamentos para o investimento em educação financeira da população.

O presente trabalho justificou-se, pois, a pesquisa de campo aplicada evidenciou que aproximadamente 98% dos respondentes revelaram que já realizaram compras por impulso (seja virtualmente ou pessoalmente) e 61% não praticam educação financeira recorrente, porque possuem algum impeditivo para investir.

O trabalho se dividirá da seguinte maneira: introdução (presente capítulo), em seguida, a fundamentação teórica para embasar a pesquisa cientificamente, método da pesquisa, resultados e análises, e por fim, as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O Referencial teórico deste artigo se dará pela abordagem dos seguintes assuntos: O Endividamento da nova classe média brasileira e a falta de conhecimento em assuntos financeiros, ou seja, a carência dessa parte da sociedade em educação financeira.



2.1 Endividamento da nova classe média brasileira

De acordo com EVANGELISTA et al, 2012, o conceito de classe média se traduz em uma classe que consegue manter suas necessidades básicas e concomitantemente conseguem investir em alguns gastos não essenciais, como cultura e lazer. Em palavras mais gerais, é a parcela da população que está entre a classe pobre e a classe rica. Outra definição de acordo com Melo et al (apud FRIEDMAN, 2007), a classe média se define por um sentimento, a vontade de estar numa posição melhor no futuro. A possibilidade de mobilidade na pirâmide social, é o anseio dos que ocupam o meio.

Depois da estabilização da moeda brasileira com o Plano Real (1994), seguido pelas políticas públicas do Governo Lula (2003-2011) – onde o Estado é o indutor do desenvolvimento econômico, houve o surgimento de uma nova classe média. Da perspectiva do mercado/empresas, essa nova classe possui a interessante característica de “consumo de maneira descontrolada” (EVANGELISTA et al, p.3, 2012), visto que essas famílias possuem desejos de consumo que foram reprimidos por anos, por diversos motivos que se resumem em falta de viabilidade para aquisição de bens. Possuem como principal fonte de renda o trabalho assalariado, fazendo com que as pessoas tivessem um pouco mais de estabilidade financeira, podendo focar em consumir a longo prazo.

Essas famílias também se caracterizam principalmente por passarem anos vivendo com o acesso ao básico, e conseguiram aumentar a renda per capita devido às políticas sociais (de redução da desigualdade), como o Bolsa Família, e devido às políticas de recuperação do emprego.



Fonte: EVANGELISTA, et al, p.4, 2012

Conforme observado na figura acima, existe uma ciclicidade no mercado, onde o principal ator é o consumidor. Ele tem a capacidade de acelerar ou reduzir a atividade econômica, através do estímulo ou não das políticas de governo. Dito isso, o mercado e o governo então se modelam para atender aos novos anseios dessa nova classe média, incentivando e possibilitando o consumo no mercado interno com a ampliação do acesso ao crédito e estabelecendo condições de pagamento mais facilitadas, por exemplo, foi um período em que se popularizou o uso do carnê oferecido pelas grandes lojas de varejo para pagamento parcelado.

Segundo o conceito de demanda, explorado pelo marketing, a mesma é o desejo combinado com poder de compra, ou seja, as empresas entregam uma proposta de valor, que se traduz em enxergar pelos olhos do cliente, com o objetivo de ampliar participação em um mercado formado de consumidores reais e potenciais. Logo, toda essa cadeia é guiada pelo objetivo de alcançar o consumidor para promover um desejo e a possibilidade de concretizá-lo, através principalmente do crédito.

Segundo um dos vieses do processo decisório, o ser humano está propenso a tomar decisões baseado no que lhe trará felicidade e satisfação naquele momento levando ao consumo imediato (Simon, 1978 dá o nome a esse conceito de “satisficing”). Existe um modelo de fases ideais a serem racionalmente seguidas



em um momento de tomada de decisão segundo Max H. Bazerman e Dan Moore em seu livro *Processo decisório*, publicado em 2010:

1. Identificar o problema: Toda tomada de decisão, permeia um problema-chave.
2. Identificar os critérios: Quais são os critérios relevantes no processo da tomada de decisão.
3. Ponderar os critérios: Identificar valor relativo a cada critério.
4. Gerar alternativas: Conhecimento de todas as alternativas para solução do problema
5. Classificação de cada alternativa segundo cada critério: Avaliar com precisão cada alternativa com base em cada critério.
6. Identificação da solução ideal: Escolher as alternativas com maior valor percebido.

Nenhuma escolha ótima é tomada rapidamente. Quando todas essas fases não são respeitadas em um momento de escolha, o que na maioria das vezes, não é feito, o ser humano fica num estado mais vulnerável e suscetível a consumir compulsivamente, consequentemente os impactos dessa decisão não estão sendo avaliados levando em conta o futuro. Segundo Bazerman e Moore (2010), isso acontece porque “nós nos damos por satisfeitos: em vez de examinarmos todas as alternativas possíveis, procuramos até encontrarmos uma solução satisfatória que seja suficiente porque alcança um nível de desempenho aceitável.”

Os pesquisadores Daniel Kahneman e Amos Tversky foram precursores da ideia de que as pessoas geralmente simplificam o processo de decisão, encurtando caminhos e estabelecendo estratégias, que são denominadas heurísticas – resolução de problemas complexos de uma maneira simplificada que na maioria das vezes nos induz ao erro. É possível citar o exemplo da facilitação do acesso



ao crédito, que é um meio simples e rápido de concluir uma compra e que possibilita o usuário a lidar com o pagamento somente na posteridade. Ou seja, na escolha utilitária entre consumir (agora) e poupar (benefício futuro), o consumo vence proporcionando um prazer breve.

Levando em consideração que no período de 2003-2011 (pós plano Real), a nova classe média contou com: estabilidade econômica, geração de emprego com carteira assinada, aumento da renda e grande oferta de crédito, criou-se uma conjuntura propensa ao consumo por exemplo no setor de eletrodomésticos, eletroeletrônicos, moda feminina, veículos etc. (EVANGELISTA et al, p.3, 2012). Com a inclusão da internet na rotina das pessoas, a sociedade passou a ter acesso à múltiplas informações e de uma forma rápida, na palma das mãos. Dessa forma, o processo decisório racional se torna ainda mais complexo para se atingir a máxima utilidade esperada, que segundo John Von Neumann e Oskar Morgenstern seria atingida levando em consideração fatores matemáticos e estatísticos.

Diante de toda a sensação de facilidade, contata-se outro conceito de Daniel Kahneman e Amos Tversky de que “o comportamento humano, ainda que possa ser taxado de não-racional, segundo o conceito econômico, não é imprevisível.” É graças a esse comportamento previsível que é possível estabelecer planos para despertar a ambição no consumidor. No âmbito do mercado de capitais, por exemplo, os investidores geralmente (não-racionalmente) tendem a manter em suas carteiras investimentos que possuem desempenhos ruins na expectativa de melhora porque realizar a perda é mais difícil, e vendem ações que possuem boa performance.

Por fim, de acordo com o professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, João Cicsú, em seu artigo “Governos Lula: a era do



consumo?”, o período o qual analisamos nesse artigo, ficou marcado com diversos estigmas, chamados de “fracassos dos sucessos”, dentre eles o endividamento das famílias brasileiras na “era do consumo”. Ou seja, é uma forma de salientar que apesar dos sucessos nas esferas que se destacaram diante ao modelo de governo (por exemplo, distribuição de renda), o sucesso deixou “fracassos”. A nova classe média pouco pensou/pensa em investir, pelos hábitos, desejos e ânsias de consumir e muita das vezes pela impressão de ser um tema distante de suas realidades, ou complexo de entender e executar também devido à falta de educação financeira.

2.2 Carência em educação financeira

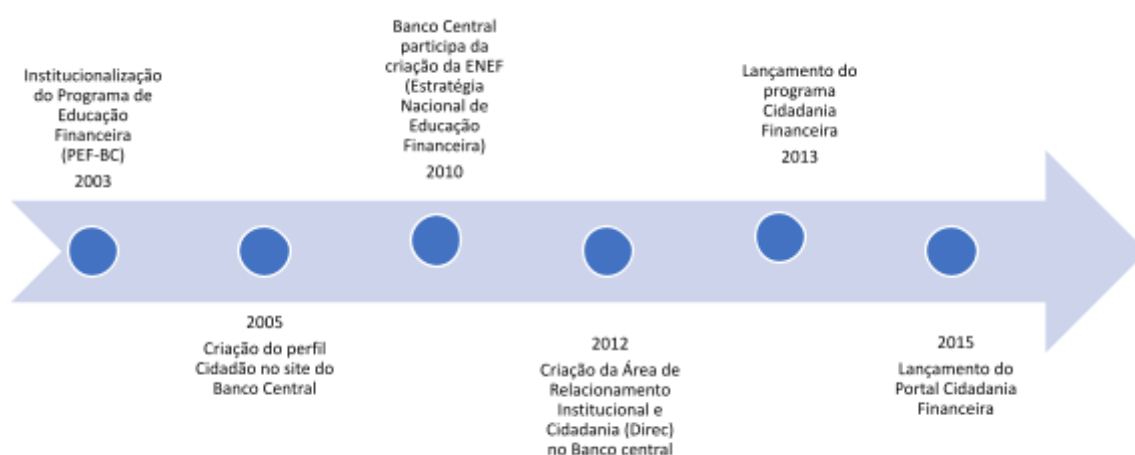
“A Educação Financeira não consiste somente em aprender a economizar, cortar gastos, poupar e acumular dinheiro. É buscar uma melhor qualidade de vida tanto hoje quanto no futuro, proporcionando a segurança material necessária para aproveitar os prazeres da vida e ao mesmo tempo obter uma garantia para eventuais imprevistos.”

(EVANGELISTA, et al, p.10, 2012)

Conforme abordado no capítulo anterior, a classe pobre já sofre com grande defasagem no sentido de acesso à informação sobre planejamento financeiro e investimento. É evidente que hoje em dia, a internet facilitou a introdução dessa parcela da população nesse meio, mas ao mesmo tempo, ainda é um assunto que possui um afastamento dessa classe, que posteriormente, veio a ser a Nova Classe Média - ou seja, já se estabelece a partir de uma formação de pessoas com uma discrepância nesse sentido.

Muitos dos hábitos e costumes influenciam na situação financeira dessas pessoas como um todo, por exemplo a prática que se estabeleceu de comprar a prazo (carnê) sem o conhecimento do que de fato é a taxa de juros que incide sobre qualquer transação a prazo. É importante ressaltar que as gigantes do varejo não vendem somente produtos de bens duráveis, são empresas que constituem sua receita também na venda de crédito, o que gera um maior comprometimento de renda dessas famílias. Também se destaca uma questão muito comum e arriscada para os brasileiros: a prática do empréstimo de cartão de crédito para terceiros (familiares, amigos...), isto é, adquirir dívidas em nome de outras pessoas.

Desde a década de 1990, o Banco Central vem se esforçando para que o Brasil tenha um sistema financeiro mais inclusivo com o estabelecimento de diversas medidas como por exemplo, a criação das “contas simplificadas”, em 2004, que possuem a característica de isenção de cobrança de tarifas e processo de abertura simplificado, com menor grau de exigência em termos de documentação, até o limite de R\$3.000,00. (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2018.). Segue abaixo a linha do tempo com as ações principais e pertinentes do Banco Central para disseminar os conteúdos sobre Educação Financeira:



Fonte: BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2018.



É importante ressaltar, que com a criação da ENEF em 2010, a educação financeira adquire status de política de Estado no Brasil (DOMINGOS, p.4, 2022). Em 2013, foi lançado o programa Cidadania Financeira, com três frentes: gestão de finanças pessoais, disseminação de informações sobre o sistema financeiro e indução de boas práticas na oferta de serviços, porque entendeu-se que são temas estratégicos para o bom funcionamento do sistema financeiro. A nível mundial, quando a ONU lançou as 17 ODSs em 2015, houve a menção no tema “Finanças Inclusivas” diretamente em 7 delas, correlacionando o tema com “o exercício pleno da cidadania” (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2018.).

O programa e o lançamento do portal foram fundamentais para que a entidade regulamentadora do sistema financeiro brasileiro, mostrasse que tratativas estavam sendo tomadas para aproximar a população do tema das finanças. Portanto multiplicando informação entre os cidadãos e os deixando cada vez mais seguros no momento de tomar qualquer decisão relacionada a essa questão. O que ainda é insuficiente é a divulgação desses canais, já que muitas pessoas, independente de classe social, não sabem da riqueza de conteúdo (seguro e confiável) disponível na internet.

A temática de investimentos ainda possui uma barreira de entrada para ser um assunto “hot topic” entre as pessoas. Pouco se fala sobre ele, e muitas das vezes quem fala é automaticamente rotulado como uma pessoa que tem boas condições financeiras a ponto de “sobrar”. Ou seja, criou-se um imaginário de que o assunto só deve ser tratado por pessoas que possuem um montante remanescente no final do mês. Essa falácia também faz parte de um arcabouço cultural brasileiro, que é resistente a poupar, mas em contrapartida, principalmente se tratando da nova classe média, a verdade é que deveria ser mais comum o planejamento e o interesse em preservar para o futuro.



Segundo o próprio Banco Central, a realidade é que todas essas questões influenciam na produção de políticas públicas para a popularização da educação financeira, visto que, pré-conceitos precisam ser quebrados, e uma mudança de hábito deve ser incentivada com o objetivo de levar mais qualidade de vida para o coletivo. O estímulo ao conhecimento da própria renda faz com que não se negligencie a esfera financeira na vida do ser humano, automaticamente também não negligenciando a capacidade que esse assunto possui de influenciar no bem-estar social. De acordo com CARVALHO (et al, 2021, p.24) ter um planejamento financeiro faz parte da preservação da saúde física, emocional e mental das pessoas, visto que o descontrole e endividamento podem levar a questões psicológicas.

A complexidade da Educação Financeira advém da desfavorável conjuntura brasileira com relação ao ensino, em geral. Segundo SAITO p. 14, 2007, muitos fatores devem ser considerados para a efetivação de uma aprendizagem, dentre eles o contexto social do aluno; além disso é necessário que também seja um objetivo dos órgãos de governo enfrentar o analfabetismo. Se aprofundando no tema Educação somado ao Financeiro, se torna um objetivo ainda mais multifacetado despertar o interesse em planejar, controlar, entender etc.

Uma boa abordagem quando se trata de conscientização da importância de poupar, é lembrar que manter uma boa gestão das finanças pessoais contribui para uma boa qualidade de vida (Wisniewski, p.11, 2011) visto que contas atrasadas, dívidas, e uma vida financeira desorganizada pode ser prejudicial ao bem-estar social. Poucas pessoas hoje em dia entendem e pensam sobre como podem multiplicar seu patrimônio gerando renda passiva, e de que maneira isso contribuiria para um futuro despreocupado e independente. Esse é um fato evidenciado segundo p.10, “De acordo com os dados apresentados pela Brasil,



Bolsa, Balcão (B3) (B3, 2022), existem 2.286.397 CPFs com contas abertas, número este que representa 1,42% da população brasileira.”

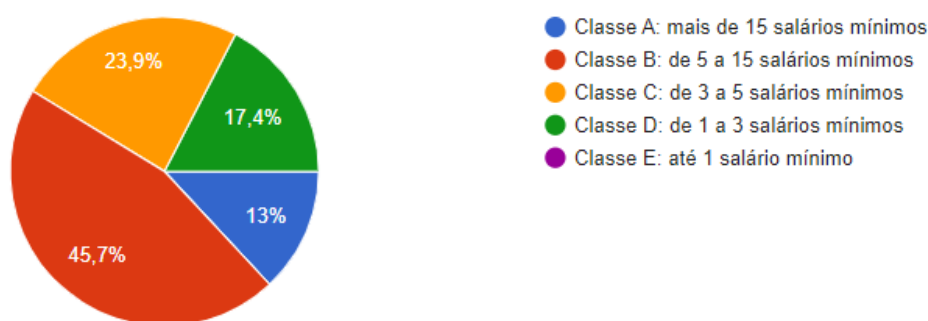
3. MÉTODO DA PESQUISA

Segundo o Banco do Brasil “Manter as contas organizadas para levar uma vida mais tranquila é o que todo mundo deseja. Evitar fazer compras por impulso e sempre pesquisar preços para saber se vai conseguir pagar sem afetar seu orçamento é fundamental.” (Apud CARVALHO et al p.22, 2021). Seguindo a linhagem dessa colocação foi realizada uma pesquisa de campo quantitativa não probabilística por acessibilidade, ou seja, o objetivo da pesquisa é identificar e quantificar o comportamento das pessoas em um recorte de classe social e entender o quanto elas planejam o futuro através dos investimentos.

4. RESULTADOS E ANÁLISES

Título da pesquisa: “Pesquisa sobre hábitos de consumo e investimento”

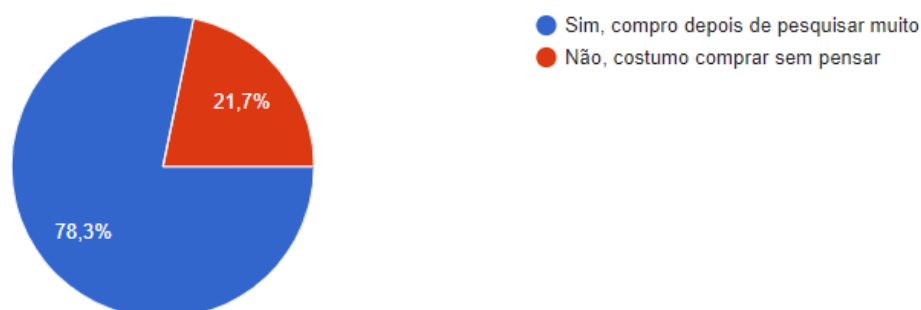
Pergunta 1: *Qual classe social você se considera inserido? (classificação segundo IBGE, levando em conta a renda familiar).*



Fonte: Dos próprios autores, 2024

De acordo com o resultado acima, a maior parte do público da pesquisa se deu pela Classe B.

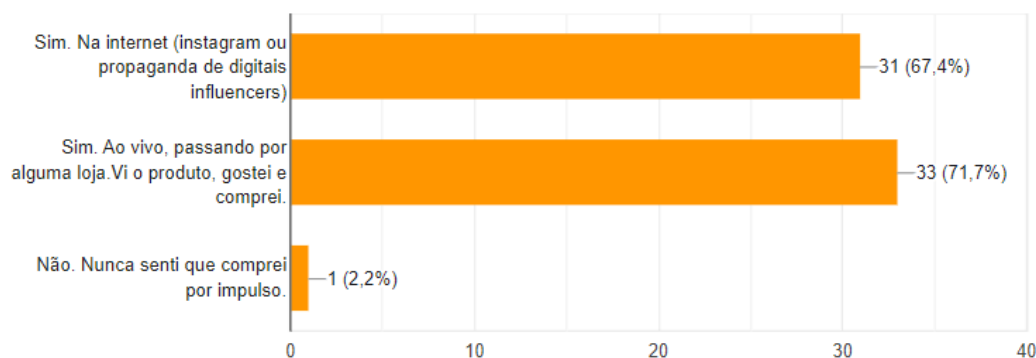
Pergunta 2: *Você costuma se planejar antes de consumir algum item (seja essa compra online ou ao vivo)?*



Fonte: Dos próprios autores, 2024

Conforme apresentado, 78.3% dos respondentes consomem depois de planejar a compra.

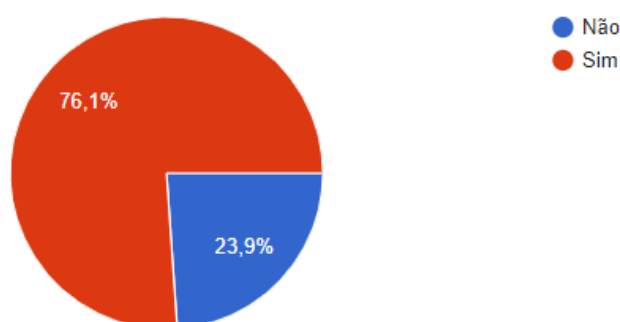
Pergunta 3: *Você já comprou algum item por impulso, seja na internet ou ao vivo?*



Fonte: Dos próprios autores, 2024

Há uma discordância entre os resultados da pergunta anterior e da próxima. É possível analisar que a maioria dos respondentes já se sentiu influenciado a realizar compras por impulso, o que pode prejudicar o planejamento financeiro individual ou da família.

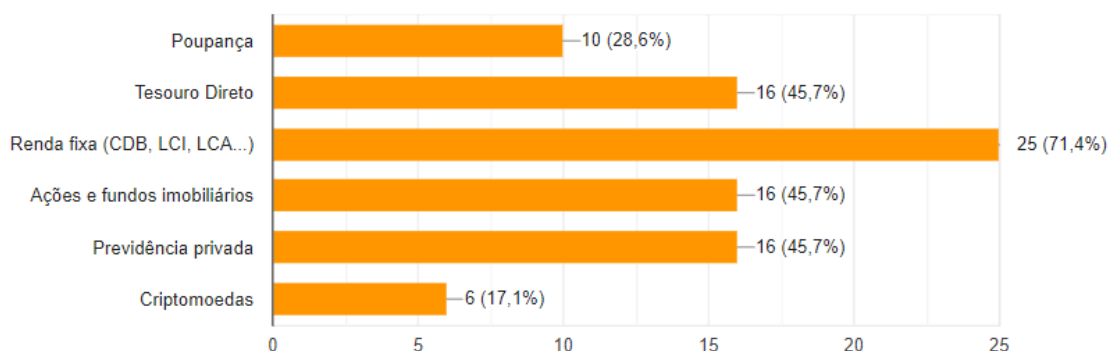
Pergunta 4: *Você se planeja financeiramente para o futuro? (Ex: aposentadoria, formação de patrimônio...)*



Fonte: Dos próprios autores, 2024

De acordo com o gráfico, a maioria das pessoas (dentro de um recorte que a maioria dos participantes são de classe B) diz que se planeja financeiramente para o futuro.

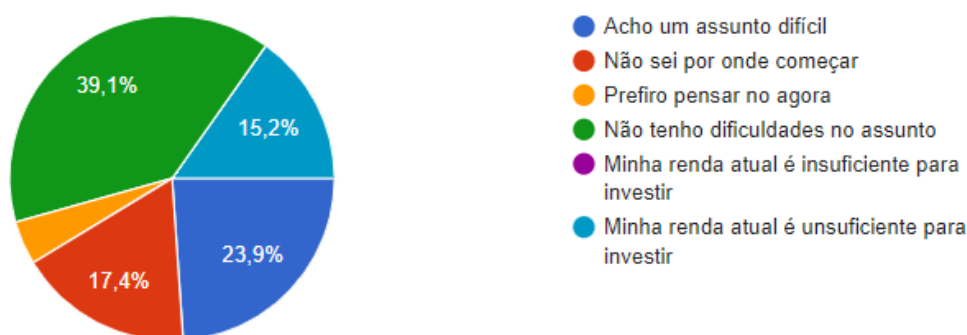
Pergunta 5: *Se você marcou "Sim" na pergunta anterior, indique quais produtos você investe:*



Fonte: Dos próprios autores, 2024

É possível concluir que a maioria dos respondentes que se planejam para o futuro investem em Renda Fixa, é um tipo de investimento em que o retorno é previsível, o que geralmente é um ponto de partida para as pessoas que estão começando no mundo dos investimentos porque não querem correr muitos riscos.

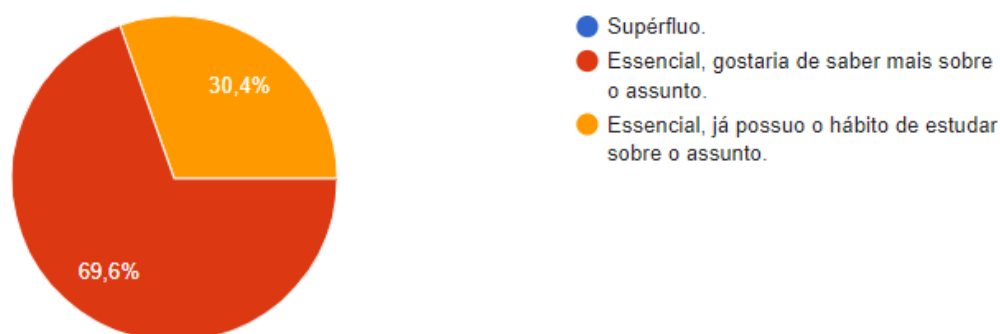
Pergunta 6: *Qual seu maior impedimento hoje para investir?*



Fonte: Dos próprios autores, 2024

Conforme as respostas acima, a maioria, no recorte de classe exposto, não possui dificuldades no assunto. Porém nota-se que também há uma parcela expressiva que considera um assunto difícil de entender. Ou seja, como a maioria se planeja para o futuro investindo em renda fixa, entende-se que algumas pessoas podem achar os outros produtos complicados de entender.

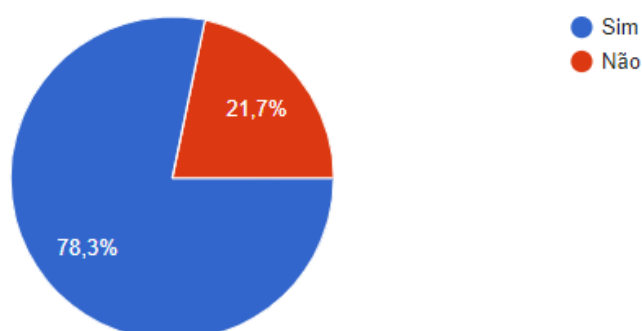
Pergunta 7: *Você considera "investimento" um tema supérfluo ou essencial?*



Fonte: Dos próprios autores, 2024

A maioria acredita que seja um assunto essencial. O que reitera ainda mais a importância de o governo ampliar a rede de educação financeira, investindo em materiais com capacidade de chegar a diferentes lugares da sociedade.

Pergunta 8: *Você costuma falar sobre investimentos com alguém do seu convívio (amigos, família etc.)?*



78.3% dos respondentes falam sobre investimentos com alguém do convívio social, o que é importante para difundir entendimentos e práticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este artigo teve como objetivo detalhar as adversidades na formulação de uma carteira de investimentos para a *nova classe média*, sob perspectiva do endividamento das famílias e da carência em educação financeira. É importante levar em consideração esses dois pontos abordados acima, no momento de analisar uma amostragem do percentual de famílias da *nova classe média* que possuem algum tipo de patrimônio acumulado. Essa análise seria uma sugestão para futuras pesquisas, com levantamento de dados e correlação de percentual de famílias endividadas x percentual de famílias com patrimônio, e de que maneira elas conseguiram acumular recursos.

Da pesquisa apresentada realizada por acessibilidade, os respondentes em sua maioria são da classe B, logo, teoricamente, são pessoas que possuem um grau a mais de escolaridade e ainda assim não dominam os investimentos e ainda afirmam que foram influenciados a realizar compras virtuais. segundo Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e criador do termo a *nova classe média*, essa classe são os ascendentes da classe D, ou seja, pertencem a classe C. Essa classe também estava presente na pesquisa e encontram desafios para entender o âmbito de investimentos e patrimônio.

Dessa forma, o passo da criação de uma poupança já é considerado um grande avanço, porém é importante ter em mente que também é preciso saber escolher a forma mais interessante de realizar um investimento de acordo com a conjuntura atual da vida, visto que a oferta de produtos de investimento é extensa. Uma boa forma de começar com pouco capital, é através de uma corretora de confiança ou buscar um clube de investimentos para diversificação.

Sob o ponto de vista do governo, o incentivo a participação do pequeno investidor no mercado de capitais é valioso porque traz liquidez. Logo, não basta apenas investir em políticas públicas de transferência de renda, é necessário que



esta, seja acompanhada de educação financeira com conceitos básicos por exemplo a relação de tempo x dinheiro sendo apresentada ainda durante a escola. Principalmente porque o ser humano é influenciado por vieses, e o estudo contínuo traz consciência no processo decisório.

Apesar das limitações inerentes à pesquisa, como por exemplo, não foi possível realizar a pesquisa de campo somente com o público da classe C, esta pode servir de base para outros trabalhos acadêmicos que almejam abordar essa especificidade mais a fundo, de modo a realizar pesquisas significativas para a sociedade. Com a análise dos resultados, percebe-se que ainda há muito a ser explorado em diversos campos que se relacionam com educação financeira, endividamento e investimento.

BIBLIOGRAFIA

BACEN (Banco Central do Brasil). Jornada da cidadania financeira. Disponível em: < <https://www.bcb.gov.br/cidadaniafinanceira> >. Acesso em: julho 2024.

B3 registra alta expressiva de investidores por CPF. Valor econômico, 02. agosto.2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2023/08/02/b3-registra-alta-expressiva-de-investidores-por-cpf.ghtml>. Acesso em 19.agosto.2024.

CARVALHO, Adrielly Vanessa da Silva; CARVALHO, Ana Clara Soares de; FANELLI, Isabela Maria Marques; SILVA, Murylo Augusto da. A importância da educação financeira pessoal para a qualidade de vida. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso do Ensino Médio Integrado à Administração) da Etec "Frei Arnaldo Maria de itaporanga". Votuporanga/SP. 2021.

DOMINGOS, Reinaldo Aparecido; Educação financeira uma ciência comportamental. Recima21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 3, n. 4, p. e341217, 2022. DOI: 10.47820/recima21.v3i4.1217. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1217>. Acesso em: 17 mar. 2024.

EVANGELISTA, Aparecido Armindo, et al. Educacao Financeira para Nova Classe Média Brasileira. In: Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 8, 2012, Resende, Anais [...] Rio de Janeiro: Centro Universitário Dom Bosco do Rio de Janeiro (UniDomBosco-RJ), 2012, p. 1-12.

WISNIEWSKI, Marina Luiza Gaspar. A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. Revista Intersaberes, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 155–170, 2011. DOI: 10.22169/revint.v6i11.32. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/32>. Acesso em: 29 jul. 2024.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

H. BAZERMAN, Max; MOORE, Don. Processo Decisório. In: PROCESSO Decisório. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. cap. Introdução ao processo de decisão gerencial, ISBN 9788535224054.



MACHADO, Jurailde da paz. Análise do aumento do número de investidores na B3, a bolsa de valores brasileira, entre janeiro de 2018 e março de 2023. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas da Pontifícia Universidade Católica de Goiás). Goiânia, p. 43, 2023.

NERI, Marcelo Cortes. A Nova Classe Média. Rio de Janeiro: CPS, 2008.

SAITO, André Taue. Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.12.2007.tde-28012008-141149. Acesso em: 2024-07-28.

SAVOIA, Roberto José Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. Revista de Administração Pública, v. 41, n. 6, p. 1121–1141, nov. 2007.

SANTOS, Pedro Henrique Carvalho dos; MACHADO, José Felipe de Campos. A Influência do Grau de Educação Financeira no Perfil do Investidor da Geração Z em Relação à Geração X. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://bib.pucminas.br:8080/pergamumweb/vinculos/000004/000004eb.pdf>.

SICSÚ, João. Governos Lula: a era do consumo?. Revista de economia política (impresso), v. 39, p. 128-151, 2019.

SILVA, Beatriz Maciel da. Mercado de capitais e política de crédito no governo lula (2003 – 2008). Trabalho de conclusão de curso (Ciências Econômicas) -



Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Política, Economia e Negócios, Osasco, 2021.

Artigo submetido ao SBIJournal em 27/05/2025.

1ª rodada de avaliação concluída em 10/07/2025.

2ª rodada de avaliação concluída em 16/07/2025.

Double-blind review

Aprovado para publicação em 01/08/2025.